



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

LILIANE VICENTE DIAS

BULLYING: UM CASO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

GUARABIRA – PB
2011

LILIANE VICENTE DIAS

BULLYING: UM CASO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **de Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca

GUARABIRA – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

D541b

Dias, Liliane Vicente

Bullying : um caso de violência nas escolas / Liliane
Vicente Dias. – Guarabira: UEPB, 2011.

27f.

Artigo - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Ivonildes da Silva Fonseca”.

3. Bullying 2. Violência Escolar 3. Educação
I.Título.

22.ed 371.58

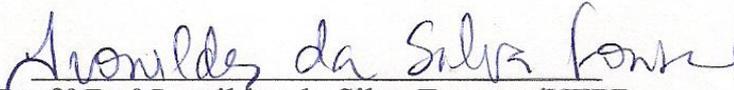
LILIANE VICENTE DIAS

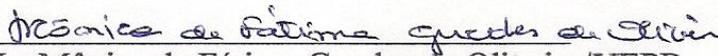
BULLYING: UM CASO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

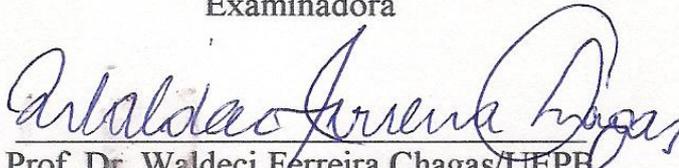
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de **Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 30 de novembro de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca/UEPB
Orientadora


Prof.^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/UEPB
Examinadora


Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas/UEPB
Examinador

Leve na sua memória para o resto de sua vida, as coisas boas que surgiram no meio das dificuldades. Elas serão uma prova de sua capacidade em vencer as provas e lhe darão confiança na presença divina, que nos auxilia em qualquer situação, em qualquer tempo, diante de qualquer obstáculo.

Chico Xavier

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alunos que disseram já ter sofrido bullying.....	18
Quadro 2 – Alunos que disseram já ter praticado o bullying.....	18
Quadro 3 – Distribuição dos alunos pela etnia	19

BULLYING: UM CASO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Liliane Vicente Dias¹

RESUMO

O presente trabalho visa discutir sobre um tipo de violência escolar que vem sendo estudado nos últimos anos, o bullying. Fenômeno considerado um tipo de comportamento violento podendo ser expresso em diferentes modos, ou seja, contendo atitudes intencionais, agressivas e repetitivas adotadas por um ou mais alunos contra outros impossibilitados de se defender. A presente pesquisa teve por objetivo investigar o fenômeno bullying, suas características, manifestações, vítimas, bem como a percepção que os educadores e o corpo pedagógico da escola em estudo têm acerca do problema. O desenvolvimento foi baseado em uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório com abordagem qualitativa tendo por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. O questionário foi utilizado como instrumento de coleta de dados. Entre os resultados encontraram-se que a prática do bullying é evidenciada através de apelidos pejorativos, agressões físicas, xingamentos, exclusão e discriminação. Desse modo visto que os educadores tem dificuldade de enfrentar o problema, recomenda-se criar estratégias que possam ajudar na remediação e prevenção desse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Violência escolar. Educação.

1. INTRODUÇÃO

Existe hoje nas escolas principalmente as da rede pública um grande desafio por parte dos educadores e gestores. O fenômeno conhecido como bullying tem ganhado cada vez mais destaque e feito das crianças negras, tímidas e obesas suas principais vítimas. Insultos, intimidações, apelidos, gozações, exclusão, ameaças e agressões físicas são algumas das manifestações deste comportamento.

Os comportamentos violentos, que causam tanta preocupação e temor, resultam da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de serem ambientes seguros, modulados pela

¹ Graduanda do curso de pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba

Email: ly_ly_dias@hotmail.com

disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaço onde há violência, sofrimento e medo.

O bullying nasce na intolerância, no preconceito, na exclusão. A criança geralmente é: obesa, negra, pobre, e até mesmo de religiões diferentes. Contudo o bullying escolar faz parte de um problema mais amplo e cada vez mais evidenciado, qual seja o problema da violência nas escolas. É um tema que dificilmente pode passar despercebido a um profissional da educação, por trata-se de um fenômeno social de grande relevância e por possuir características peculiares que podem ser identificadas.

Nenhuma escola pode ignorar tal ocorrência, comumente perceptível em seus domínios. Cabe à escola coibir atitudes agressivas, protegendo tanto os agressores quanto os agredidos. De fato, ambos, agressores e agredidos, apresentam problemas psicológicos que, caso não tratado, podem explodir desastrosamente. A gravidade é que esse padrão de comportamento está longe de ser inocente e as escolas ainda infelizmente não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus estudantes ou não têm conhecimento sobre o assunto, ou se negam a enfrentá-lo, levando crianças muitas vezes a não falarem sobre o que está ocorrendo consigo e a achar que eles são culpados por sofrerem tais agressões.

A Lei 10.639, de 2003, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pode ser uma das grandes contribuintes para a diminuição da violência escolar contra as crianças negras, pois recomenda a obrigação dos sistemas de ensino de proverem condições materiais e financeiras com materiais didáticos necessários para tornar práticos seus preceitos reafirmando, sobretudo uma posição de combate ao racismo e à discriminação. No entanto várias outras estratégias podem ser elaboradas e utilizadas na redução dos problemas de agressão não só do aluno negro, mas de qualquer outro aluno na escola. O importante é que se possa despertar nos alunos valores humanos para que eles aprendam a ter respeito pelo próximo, tomando o ambiente escolar mais harmonioso entre todos que fazem parte dele.

Sendo assim este trabalho se propõe a observar e estudar um fenômeno social de grande relevância na atualidade, o *bullying* escolar em uma escola municipal situada na cidade de Guarabira/PB juntamente com suas consequências e prevenções dando ênfase a responsabilidade da família, professores e corpo pedagógico da escola e da importância de se trabalhar em parceria criando estratégias que sejam uteis contra esse tipo de violência.

2. FENÔMENO BULLYING

O fenômeno bullying sempre esteve presente nas salas de aulas de nossas escolas só que com menor intensidade e menos destaque da mídia, porém nos últimos anos depois de identificado conceitualmente tem ganhado maiores proporções e sendo objeto de investigação, estudos e pesquisas no meio educacional.

Os estudos em torno desse fenômeno iniciaram-se na década de 1970 na Suécia, mas só começaram a ganhar notoriedade na Noruega quando em 1982 três crianças, com idade entre 10 e 14 anos se suicidaram e o principal motivo da tragédia teria sido as situações de maus tratos a que foram submetidos por seus colegas de escola. Em 1983 um ano após a tragédia o Ministério da Educação da Noruega promoveu um campanha em escala nacional oferecendo apoio a esses estudos devido à constatação de suicídios que envolviam adolescentes vitimizadas dentro das escolas. No Brasil houve um grande atraso para identificar e enfrentar tal problema que só começou a ser abordado a partir de 2000, quando Cléo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa séria e abrangente sobre tal problemática. O trabalho pioneiro resultou em um programa de combate ao bullying denominado “Educar para a Paz”.

Conforme Fante (2005), em comparação, no Brasil, o bullying ainda não é muito conhecido, sendo pouco comentado e pesquisado, razão pela qual existem poucos estudos nos quais se possa ter uma visão geral sobre o tema para que se consiga compará-lo aos demais países. O que se sabe é que em comparação a Europa, no que se refere às pesquisas e tratamentos desse comportamento, o Brasil está com pelo menos quinze anos de atraso.

Brincadeiras de mau gosto, atitudes agressivas, intencionais e repetitivas estão presentes no ambiente escolar. Quando estas atitudes de alguma forma tendem a ofender seus receptores e estes passam a sofrer as consequências dessa agressão no âmbito afetivo ou na aprendizagem, este aluno se torna mais uma vítima de bullying. Quando não há intervenções efetivas contra o bullying, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado e todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo.

Os atos de bullying são de uma perversidade tremenda. Eles podem ocorrer a nossa volta e não serem percebidos como tais, caso não façamos um esforço para conectá-los. Eles vão ocorrendo de forma silenciosa e diuturna em nosso meio, em corredores, em banheiros públicos, na saída do colégio [...] (CALHAU, 2010, p. 8).

Para a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à adolescência (ABRAPIA), por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de bullying, as ações que podem estar neles presentes são: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences.

Ainda segundo a ABRAPIA este fenômeno é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de bullying entre seus alunos, ou desconhecem o problema, ou se negam a enfrentá-lo.

Para a ABRAPIA o bullying ainda pode ser definido como:

Todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder [...]. Os atos repetitivos entre iguais (estudantes) são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

O bullying é antes de tudo, uma forma específica de violência. Aquele aluno negro, gordinho, magro, tímido ou qualquer outro que fuja do padrão estético imposto por um determinado grupo costuma ser alvo da violência escolar. Estes alunos são muitas vezes humilhados, maltratados e intimidados por colegas que se julgam “os valentões” e vivem na escola uma vida de tormento. Muitas vezes sofrem calados e as consequências podem ser desastrosas desde o mau desenvolvimento socioeducacional até depressão, suicídio e homicídio.

Vários jovens com traumas relativos ao bullying são conhecidos através da imprensa. Garotos que se revoltam por serem durante muito tempo hostilizados e segregados na escola, descarregam sua ira retornando ao ambiente escolar matando colegas e suicidando-se. Nos EUA o exemplo dos jovens Eric Harris e Dylan Klebold, descreve dramaticamente a dimensão da gravidade desse tipo de violência. Os estudantes da Columbine High School, no Colorado, mataram 13 colegas e depois se suicidaram. Testemunhas afirmaram que os dois garotos eram alvos de piadas na escola. A história foi levada ao cinema pelo diretor Michael Moore, com o título *Tiros em Columbine*. Um caso mais recente, e que aconteceu em setembro do ano recorrente foi o do adolescente Jamey Rodemeyer, de 14 anos que assumiu sua homossexualidade em um vídeo postado no youtube. Foi encontrado morto do lado de

fora de sua casa, após cometer suicídio. Rodemeyer mantinha um blog na internet onde relatava as frequentes humilhações sofridas no ambiente escolar. O jovem chegou ainda a questionar o porquê ninguém dava importância ao seu sofrimento. “Eu sempre digo o quanto sofro bullying, mas ninguém escuta. O que eu tenho que fazer para que me escutem”? Jamey Rodemeyer antes de suicidar-se chegou a deixar um vídeo no youtube no qual acreditava que tudo poderia melhorar. “Meu conselho a vocês é o seguinte: Mantenha a cabeça erguida que você chega longe”.

Quem não se lembra de “Casey, the Punisher”, como ficou conhecido o menino australiano sensação na internet com o vídeo em que ele, depois de sofrer bullying, reage e agride o garoto que sempre o provocava na escola. Casey foi aclamado como herói e o caso teve repercussão mundial. Em entrevista a uma emissora americana o jovem relatou os momentos de depressão e quando chegou a pensar em suicídio.

No Brasil um dos casos mais conhecido é o do estudante Edimar de Freitas, de apenas 18 anos da cidade de Taiuva, interior de São Paulo e ocorreu em 2004. Ele sofreu agressões durante toda sua vida escolar, e transferiu a colegas de escola ferindo oito pessoas e se matando em seguida. Outro caso recente ocorrido ainda nesse ano de 2011 chocou não só à sociedade brasileira mais o mundo todo. Na escola Tasso da Silveira no Rio de Janeiro, o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, 24 anos matou 12 jovens, feriu outros 11, sobretudo meninas e em seguida suicidou-se. Na época alguns familiares e ex-colegas de turma do assassino contaram que na escola Tasso da Silveira quando o mesmo estudava era alvo frequente de bullying e teria ganhado alguns apelidos como ‘Sherman’ em alusão ao personagem nerd do filme *American Pie*, e ‘Suingue’ porque mancava de uma perna.

Nos casos citados acima, os estudantes sofreram humilhações, agressões físicas, difamações, etc., por parte de seus colegas, o que gerou mais tarde um sentimento de vingança e revolta, motivando-lhes a tais comportamentos.

O agressor (de ambos os sexos) envolvidos no fenômeno *bullying* estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agressão a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferenças à realidade de que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter tudo o que quer na vida... afinal foi assim nos anos escolares (FANTE, 2005, p.81).

No que concerne ao bullying este é um fenômeno que pode ser identificado nas escolas igualmente com os seus protagonistas. Para Fante (2005) e Silva (2010), os protagonistas do fenômeno são: as vítimas, agressores e testemunhas.

1) Caracterização das vítimas

✓ *Vítima típica*

São os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. São tímidos e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma ‘marca’ que as destaca da maioria dos alunos.

✓ *Vítima provocadora*

São aquelas capazes de provocar em seus colegas reações agressivas contra as quais não consegue lidar. Em geral elas discutem e revidam quando são atacadas e insultadas.

✓ *Vítima agressora*

Reproduz os maus tratos sofridos em outra vítima ainda mais frágil e vulnerável, cometendo contra esta todas as agressões sofridas por ele (vítima).

2) Os agressores/bullies

Podem ser de ambos os sexos e podem agir sozinhos ou em grupos. Eles são os que praticam a violência. Geralmente são alunos que vêm de famílias desestruturadas em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Apresentam-se mais fortes que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular.

3) Os espectadores

Testemunham as ações dos agressores, mas com medo de se tornarem a próxima vítima não tomam qualquer atitude.

✓ *Espectadores passivos*

Adotam a lei do silêncio por medo de se tornar o próximo alvo do agressor.

✓ *Espectadores ativos*

São aqueles alunos que mesmo não participando dos ataques contra as vítimas dão certo ‘apoio moral’ aos agressores, com risadas e palavras de incentivos.

✓ *Espectadores neutros*

São aqueles que não demonstram nenhuma sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam em função do próprio contexto social no qual estão inseridos.

Já a ABRAPIA propõe uma classificação um pouco diferenciada em denominar os alunos envolvidos com o bullying. Sendo assim, a classificação é feita da seguinte maneira:

- ✓ *Alvos de bullying (vítimas)*: constituem esse grupo os alunos que só sofrem bullying;
- ✓ *Alvos/Autores de bullying (agressores/vítimas)*: constituído de alunos que tanto sofrem quanto praticam o bullying;
- ✓ *Autores de bullying (agressores)*: constituído de alunos que apenas praticam o bullying;
- ✓ *Testemunhas de bullying*: constituído pelos alunos que apenas observam e convivem com a situação.

Silva (2010) destaca ainda as mais variadas formas de praticar o bullying no ambiente escolar, como as listadas a seguir:

Verbal

- Insultar
- Ofender
- Xingar
- Fazer gozações
- Colocar apelidos pejorativos
- Fazer piadas ofensivas
- “Zoar”

Físico e material

- Bater
- Chutar
- Espancar
- Empurrar

- Ferir
- Beliscar
- Roubar, furtar ou destruir pertences da vítima
- Atirar objetos contra as vítimas

Psicológico e moral

- Irritar
- Humilhar e ridicularizar
- Excluir
- Isolar
- Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso
- Discriminar
- Aterrorizar e ameaçar
- Chantagear e intimidar
- Tiranizar
- Dominar
- Perseguir
- Difamar
- Passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo
- Fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas)

Sexual

- Abusar
- Violentar
- Assediar
- Insinuar

Virtual

- Cyberbullying (bullying virtual)

Como já se sabe as consequências do bullying principalmente para as vítimas são muitas vezes desconcertantes. No entanto ao contrário do que muitos pensam os agressores e as testemunhas também podem sofrer as consequências tanto no âmbito emocional quanto na aprendizagem. No ambiente escolar o desinteresse pelos estudos, déficit de concentração e aprendizagem, queda de rendimento e evasão são algumas das consequências acarretadas por esse fenômeno. As vítimas desse fenômeno ainda podem vir a sofrer de depressão, insegurança, medo, ansiedade, anorexia, bulimia, estresse, problemas escolares ou síndrome do pânico. Casos mais extremos quando não há superação do trauma podem levar a ações violentas que culminem em homicídios ou suicídios.

Na maioria das vezes as vítimas não se defendem das “brincadeiras” desagradáveis que sofre. No momento em que ela sofre uma agressão, abrem-se arquivos de sua memória que produzirão emoções tensas, ansiosas, tímidas, que bloqueiam o processo de leitura de outros arquivos, dificultando com isso a sua capacidade de reagir e de se defender. No momento da agressão, sua mente é bloqueada, frustrando sua inteligência, gerando “brancos” e sensações de impotência, “travando” o acesso aos territórios onde estão arquivados os seus repertórios comportamentais de defesa, caso os tenha. Isso impede que a vítima aprenda novos comportamentos, reagindo sempre da mesma maneira: sentindo vergonha, baixando a cabeça, procurando fugir aos olhares dos seus observadores, evitando expor-se ao grupo, procurando isolar-se, buscando proteção ao manter-se próxima aos adultos (FANTE, 2005, p. 194).

Fante (2005) afirma, também, que:

A não-superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante orientará inconscientemente o seu comportamento, mais para evitar novos traumas do que para buscar sua auto-superação. Isso afetará o seu comportamento e a construção dos seus pensamentos e de sua inteligência, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, queda de rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamento e com outros graves problemas [...] (FANTE, 2005, p.79).

Desse modo pode-se dizer que o bullying é uma das formas mais cruéis de violência. Sendo assim por está presente principalmente nos anos escolares que coincidem com a puberdade, o abalo a autoestima, à construção e a afirmação da identidade deste individuo pode ser irreversível e permanente.

3. OBSERVANDO O BULLYING ESCOLAR NA CIDADE DE GUARABIRA/PB

O bullying está presente na maioria das salas de aulas e se manifesta das mais variadas e diversas formas, como já foi discutido anteriormente. Um fenômeno nem velho, nem novo, dentre as formas de violência física e moral, que vem se tornando hoje, um dos maiores desafios para estudiosos e profissionais da área da educação. Sendo mais um problema, um círculo vicioso dentro do ambiente escolar, onde os agressores sempre tentam arrastar mais vítimas para o seu campo de ação.

Uma das principais formas de bullying nas escolas, o preconceito e a discriminação muitas vezes resultam em situações em que pessoas são humilhadas, agredidas e acusadas injustamente simplesmente pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico. A afirmação é de uma pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) que publicou em junho de 2010, em parceria com o Inep, um estudo sobre preconceito e discriminação no ambiente escolar feita em 501 escolas públicas do país. De acordo com a pesquisa, as práticas discriminatórias têm como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais, com médias de 19%, 18% e 17% respectivamente para o índice percentual de conhecimento de situações de bullying nas escolas.

Partindo dessa perspectiva foi realizado contato com a direção de uma escola pública, localizada na cidade de Guarabira/PB, a qual foi apresentada a proposta da pesquisa assim como o instrumento utilizado, que fora os questionários aplicados com os alunos, educadores e servidores da escola em geral. Com a diretora da escola fora o questionário, em conversa informal levantamos ainda questões sobre o conhecimento dela sobre o fenômeno bullying, sua percepção acerca do problema e os tipos mais comuns de violências ocorridas entre alunos na escola e quais eram as atitudes tomadas pelos educadores quando ocorriam tais violências.

A escola em estudo atende alunos da primeira fase do fundamental, ou seja, do 1º ao 5º ano, no total de 190 alunos aproximadamente. A infraestrutura é considerada boa. É composta por 4 salas de aula que funcionam no turno da manhã e a tarde, 1 diretoria, 1 cantina, 1 dispensa, 1 pátio, e banheiros feminino e masculino. Composta por 13 funcionários com idades entre 25 e 50 anos. Sendo 1 porteiro, 1 auxiliar de serviços Gerais, 1 merendeira, 1 secretaria, 1 diretora e 8 professores. O corpo docente é formado só pelo sexo feminino, algumas professoras possuem o curso superior de Pedagogia, outras apenas o magistério, mas boa parte dos educadores está se formando ou já são formados em outros cursos da área de

educação. O corpo discente é formado em sua maioria por alunos de classe econômica baixa. Variando entre o sexo feminino e masculino entre 06 e 14 anos de idade.

Deste modo, o propósito deste estudo constituiu-se em procurar identificar na escola apresentada acima, manifestações de alunos, estudantes do 2º ano ao 5º ano com idades variando entre 8 e 14 anos (no total de 72 alunos), atitudes, palavras, agressões físicas e morais que possam conter significados preconceituosos com relação às características raciais dos indivíduos ou que apresente qualquer outro tipo de violência que se configure como práticas de bullying.

Na escola ainda de forma tímida foi possível verificar a incidência do bullying em formas de agressões verbais e físicas. As atitudes agressivas mais frequentes observadas e relatadas pelos próprios alunos são: apelidos pejorativos, empurrões, beliscões, puxões de cabelo e discriminação. No entanto muitas dessas agressões ocorrem principalmente na hora do recreio e longe dos olhos dos próprios educadores. No primeiro contato com a escola, pude perceber em muitos momentos o mal estar de algumas professoras com a minha presença. Uma chegou a dizer que em sua sala não ocorria tal fenômeno e que era inútil a minha pesquisa em sua turma. No entanto foi na sala de aula dela que encontrei um dos casos mais evidentes de bullying. A aluna X, de 12 anos e negra chegou tímida naquele dia, como em muitos outros da minha observação. Cabelo curto e roupas semelhantes aos dos meninos, X sentava na últimas cadeiras da sua sala de aula e era excluída do grupo de meninas de sua turma, apenas alguns meninos se aproximavam. Os apelidos mais comum contra X eram piolhenta, fedorenta e machinho.

Em conversa com a mesma professora sobre tal situação, esta afirmou que já havia presenciado xingamentos e insultos entre alunos, mas que na maioria das vezes relevava e mandava fazer silêncio. Quando era a violência física, separava e dava uma bronca que na maioria das vezes não adiantava e terminava mandando os alunos para diretoria. Mesmo com a minha explicação sobre o bullying, ela disse que não se tinha muito que fazer na escola em relação a isso. Pudemos perceber que alguns dos alunos, demonstram preconceito e dificuldade para aceitar as diferenças. Além da discriminação de cor e classe social, é vítima comum da sinceridade cruel da meninada qualquer um que apresente uma característica "estranha" ao seu mundo, como gordinhos ("baleia" e "saco de areia"), os que usam óculos ("quatro-olhos"), os baixinhos ("tampinhas"), gagos, tímidos, etc. É assustador o repertório racista de meninos e meninas dos oito aos quatorze anos. Apelidos como, cabelo de bombril, cabelo assolan, carvão, macaco, feijão preto, tição, branquelo e leite azedo são alguns das

formas usadas para intimidar e zombar da criança especialmente as negras no ambiente escolar.

Como sabemos a escola e todo seu corpo pedagógico tem de estar atentos a pratica desse fenômeno no ambiente escolar. Em casos de bullying os professores da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontecem os ataques às vítimas; assim os próprios alunos ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos (FANTE, 2005).

É comum que a vítima não conte para os professores e para os pais os que lhe acontece na escola. Também é comum que os outros alunos participem dos maus-tratos ao alvo, já que todos sabem, por um lado que ele é frágil e não se atreve a revidar e, por outro, que nenhum dos alunos mais fortes da classe sairá em sua defesa (FANTE, 2005).

Cleo Fante e Pedra (2008) explicam que os espectadores representam maioria dos alunos de uma escola. Eles não sofrem e nem praticam o bullying, mas sofrem as suas consequências por presenciarem constantemente as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas. Muitos espectadores repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para intervir. Outros se apoiam e incentivam dando risadas, consentindo com agressões. Outros fingem se divertir com o sofrimento das vítimas como estratégia de defesa. Esse comportamento é adotado como forma de proteção, pois temem tornarem as próximas vítimas.

A pouca conscientização da realidade desse fenômeno e o despreparo dos profissionais da escola campo para lidarem com essa violência é gritante. Eles acreditam, sobretudo os professores que não podem fazer nada em relação a tal problemática, já que esse tipo de violência é para eles uma mera realidade do contexto social no qual seus alunos estão inseridos.

Para Silva (2006), os educadores não conseguem detectar os problemas, e, muitas vezes, também demonstram desgaste emocional originado do seu dia-a-dia sobrecarregados de trabalhos e conflitos em seu ambiente de trabalho. Em razão disso, muitas vezes, alguns educadores contribuem com o agravamento do problema, através da rotulação com apelidos pejorativos ou reagindo.

Não podemos, no entanto, atribuir ao professor toda responsabilidade da ocorrência do bullying na sala de aula. No entanto se o professor transmitir aos alunos a importância do respeito e ser um mediador de uma ambiente de amizade e companheirismo, interferir de maneira coesa nas chamadas brincadeiras de mau gosto, casos de bullying poderão não ocorrer no interior da sala de aula. Sabemos que a escola como um todo é

responsável pela ocorrência do bullying. Da merendeira ao vigilante, do professor ao diretor todos assumem essa reponsabilidade por serem profissionais da educação.

Na escola campo, surpreendemo-nos com a quantidade de alunos que disseram que além de sofrer o bullying o praticaram. Caracterizando assim como um forma de defesa por parte das vitimas a tais agressões. Como podemos ver nas tabelas 1 e 2 a seguir:

QUADRO 1
Alunos que disseram já ter sofrido bullying
(N=72)

VÍTIMAS DE BULLYING	
SIM	NÃO
52	20

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

QUADRO 2
Alunos que disseram já ter praticado o bullying
(N=72)

AGRESSORES	
SIM	NÃO
38	34

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

Pode-se perceber que a questão da pluralidade cultural é uma questão forte na escola e acaba se configurando em bullying. O aluno ainda não está preparado para lidar com as diferenças, sobretudo a cultural. Nesse sentido cabe ao professor repudiar a discriminação baseada em diferenças de raça, religião, classe social, nacionalidade e sexo, pois o próprio aluno negro não se identifica como negro e isso está muito ligado ao que acontece na sala de aula, na escola e na comunidade e que se caracteriza como estereótipo, discriminação ou preconceito. Assim ao entrar em contato com a diversidade, os estudantes aprendem a respeitá-la. Um dado muito importante e que deixa claro o que foi descrito aqui é que quando cheguei a escola-campo identifiquei a maioria do seu corpo discente de etnia negra e parda, todavia dos 72 alunos da escola que preencheram o questionário utilizado na pesquisa, mais da metade se identificaram como sendo brancos, como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 3
Distribuição dos alunos pela etnia
(N=72)

ETNIA DOS ALUNOS			
NEGROS	BRANCOS	PARDOS	OUTRO
11	48	13	0

FONTE: Pesquisa direta, 2011.

4. BULLYING: COMO PREVENIR?

Bem sabemos que a preocupação com o bullying é um fenômeno mundial e que compreender a dinâmica desse fenômeno é importante para controlá-lo. Para que se possa construir estratégias de prevenção em uma determinada escola, é necessário que antes de tudo

a escola esteja consciente da existência desse fenômeno e, sobretudo das consequências advindas desse tipo de comportamento.

Infelizmente, a prática do bullying, entre os alunos é uma prática comum. No entanto a ação das escolas perante o assunto ainda é muito fraca. A grande maioria não está preparada para identificar e enfrentar a violência entre seus alunos e até mesmo entre os alunos e o corpo acadêmico. Essa situação se deve muito ao desconhecimento, omissão, comodismo e uma dose considerável de negação da existência desse fenômeno.

A conscientização e a aceitação de que o bullying é um fenômeno que ocorre, com maior, ou menor incidência, em todas as escolas do mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarados como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares. (FANTE, 2005, p.91)

Sabemos que os preconceitos são formas de bullying que estão presentes na escola campo de pesquisa principalmente quando nos referimos à criança negra. É importante assim que a escola estimule o ensino e o desenvolvimento de atitudes que valorizem a prática da tolerância e a solidariedade entre os alunos. Assim, como o diálogo, o respeito e as relações de cooperação precisam ser valorizados.

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientam a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida. (FANTE, 2005, p.91)

A Lei 10.639 de 2003 reafirma, sobretudo uma posição de combate ao racismo e à discriminação, de acordo com a nossa Constituição. O que vamos encontrar na busca de fazer a Lei 10.639 ser colocada em prática são personalidades, revoltas, movimentos relevantes na História do Brasil cujas origens negras foram omitidas e negadas até recentemente na visão eurocêntrica praticada no Brasil. A meta dessa Lei é promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e poderia ser no ambiente escolar uma grande contribuinte a erradicação do bullying contra as crianças negras reconhecendo principalmente o valor dos afrodescendentes e suas contribuições na sociedade brasileira. Conhecer melhor sobre os afrodescendentes nos ensina que a cor jamais os condenou à

inferioridade intelectual. Apesar do ambiente que lhes era desfavorável eles alcançaram admiração e respeito assim como muitos outros que lutaram pela conquista de seu espaço.

No entanto como acontece com o fenômeno bullying, os professores ainda não estão preparados para tal situação, no caso da Lei 10.639/03 principalmente porque em suas formações não receberam aulas voltadas em especial para a cultura africana e suas reais influências no Brasil, não sabem qual a melhor maneira de apresentar alguns tópicos relacionados a essa história e cultura em sala de aula.

A lei 10.639/03 como dita anteriormente pode acarretar na diminuição da violência escolar contra as crianças negras, no entanto várias outras estratégias podem ser elaboradas e utilizadas na redução dos problemas de agressão não só do aluno negro, mas de qualquer outro aluno na escola. Assim vários são os projetos antibullying que visam diminuir a violência nas escolas.

Os projetos antibullying vêm às escolas como sistemas dinâmicos e complexos, possuidoras de suas próprias características, devendo-se respeitar as peculiaridades culturais e sociais de seus membros. Sendo assim, cada escola possui sua realidade e a partir dela é que se devem construir estratégias e ações cotidianas e contínuas de combate ao bullying (FANTE, 2005).

Não existem soluções simples para se combater o bullying, pois se trata de um problema complexo e de causas múltiplas. Um primeiro passo que é de suma importância, no entanto é conscientizar professores, pais, alunos e demais funcionários a respeito deste tipo de agressão. O envolvimento de todos tem como objetivo estabelecer regras, diretrizes e ações coerentes. É importante ainda que se possa despertar nos alunos valores humanos para que eles aprendam a ter respeito pelo próximo, tomando o ambiente escolar mais harmonioso entre todos que fazem parte dele. As escolas precisam, sobretudo capacitar seus profissionais para uma futura identificação e intervenção desse fenômeno, além de conduzir o tema a uma discussão ampla e que mobilize escola, alunos e família, com o propósito de criar estratégias preventivas e imediatas para enfrentar tal situação. Sensibilizar todos os envolvidos na redução do comportamento bullying é imprescindível, já que o fenômeno é complexo e de difícil identificação, principalmente por manifestar-se de maneira sutil, implícita, e com a imposição do silêncio.

A melhor solução de fato está na escola que com certeza é quem deve ter um papel mais eficiente. O profissional precisa estar atento para essas situações em que o jovem é constrangido e humilhado. No entanto é preciso levar em conta que cada escola possui sua realidade e a partir dela é que se devem desenvolver estratégias e ações cotidianas e contínuas

que tenha como principal objetivo evitar que esse tipo de violência aconteça e, conseqüentemente minimizar o seu impacto. É importante que cada escola desenvolva sua própria estratégia. Sabe-se que mudanças não ocorrerão num curto espaço de tempo, mas podemos colaborar para a formação de uma nova mentalidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos ver o bullying é uma forma específica de violência. Fenômeno de difícil solução que exige envolvimento e compromisso de todos os envolvidos e tem se tornado um problema gravíssimo em nível mundial se manifestando no Brasil de maneira intensa. A não aceitação das diferenças principalmente as culturais faz desse fenômeno nas escolas uma realidade cada vez mais atual e que precisa de maior atenção por parte dos educadores.

O bullying escolar existe e tem sido uma realidade de nossas escolas nos últimos anos. Podendo ser encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. O problema é que só agora vem se estudando esse fenômeno que a cada dia tem arrebatado mais vítimas no ambiente escolar. As dificuldades dos professores e a escola como um todo para lidar com esse problema é gritante, principalmente quando estes não reconhecem a presença do fenômeno. Pôde-se perceber na escola em estudo que o bullying é um assunto pouco conhecido entre o corpo pedagógico, que apesar de saber seu conceito, grande parte não tem um conhecimento aprofundado dos males que esta prática pode gerar nos alunos envolvidos, tanto no âmbito emocional e psicológico quanto na aprendizagem.

Sabemos, porém que se é possível reconhecer e identificar tal fenômeno, no entanto os profissionais envolvidos em muitos casos não têm instruções de como agir, nem conhecimento acerca do bullying fazendo muitas vezes vista grossa quando passa a lidar com o problema que acredita nunca existir em sua escola.

Dessa maneira a escola é ainda o ponto eixo para solucionar-se tal problemática principalmente ensinando os alunos a respeitar as peculiaridades culturais e sociais uns dos outros construindo estratégias e ações cotidianas de combate ao bullying. No entanto é importante lembrar que a família (pais ou responsáveis) também tem um importante papel na caminhada contra esse fenômeno principalmente no que diz respeito a participar da vida escolar do filho e identificar os problemas que o mesmo leva ou traz da escola. Sendo assim, é

importante que os profissionais da área educacional reconheçam a extensão e o impacto gerado pela prática de bullying nas escolas para que assim possam desenvolver estratégias para reduzir tal problemática.

Por fim, espero que este trabalho possam ampliar respectivas discussões no que concerne ao bullying nas escolas se tornando um aliado nessa luta para que os educadores e a sociedade como um todo se conscientizem sobre a complexidade das manifestações desse fenômeno.

ABSTRACT

This paper seeks to discuss a kind of school violence which has been studied in the last years, the bullying. It's a phenomenon considered as a type of violent behavior that can be express in different ways, including intentional, aggressive and repeated acts adopted by one or more students against other ones who can't defend themselves. The purpose of this research was to check out the bullying phenomenon and its features, manifestations, victims, as well as the perceptions that educators and the school's faculty knowledge about the problem. Development was based upon an exploratory bibliographic research with qualitative approach with the objective to provide greater familiarity with the problem, for the purpose of become it more explicit. The questionnaire was used as a data collection instrument. In the results was found that bullying practice is evidenced through derogatory nicknames, physical aggression, swearing, exclusion and discrimination. Since educators have troubles facing the problem, it's suggested to create some strategies which can help in remediation and prevention of bullying.

KEYWORDS: Bullying. School violence. Education.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, 2005.

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e à adolescência. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm> Acesso em 18 ago. 2010.

ALBISSÚ, Nelson. *Semente antibullying*. São Paulo: Cortez, 2011.

CALHAU, Lélío Braga. *Bullying: O que você precisa saber: Identificação, prevenção e repressão*. 2 ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CAVALCANTE, Meire. *Bullying: Como acabar com brincadeiras que machucam a alma*. Revista Escola. Brasília, v.19, n. 178, p. 58-61, dez. 2004.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Versus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre, Artmed, 2008.

L. NETO, A.; SAAVEDRA, L. H. *Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

PEREIRA, Oliveira B. Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência e da Tecnologia. *Para uma escola sem violência – Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: 2002.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Geane de Jesus. *Bullying: quando a escola não é um paraíso*. Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 365, p. 2-3, 2006.

TAYLOR, Maureen. *Bullying e Desrespeito: Como Acabar com Essa Cultura na Escola*. Artmed, 2006.

ANEXOS

Anexo 1



Questionário aplicado com professores

QUESTIONÁRIO

1. Você sabe o que é bullying?
() Sim () Não

2. Em sua concepção quem é a principal vítima do bullying nas escolas?
() Crianças negras () Crianças obesas () Outro _____

3. Os professores tem como identificar quando um aluno é vítima do bullying?
() Sim () Não

4. Quem você acha que é o responsável pela presença do bullying nas escolas?
() Escola () Professores () Alunos () Família () Outro _____

5. De acordo com sua experiência profissional é importante criar estratégias para prevenir ou remediar o bullying nas escolas?
() Sim () Não

Anexo 2



Questionário aplicado com servidores

QUESTIONÁRIO

1. Você sabe o que é bullying?
 Sim Não

2. Já presenciou algum aluno sendo vítima do bullying?
 Sim Não Não sei

3. Em sua concepção quem é a principal vítima do bullying nas escolas?
 Crianças negras Crianças obesas Outro _____

4. Quem você acha que é o responsável pela presença do bullying nas escolas?
 Escola Professores Alunos Família Outro _____

5. Em sua opinião a escola de uma forma geral tem como identificar quando o aluno é vítima de bullying?
 Sim Não Não sei

Anexo 3



Questionário aplicado com alunos

QUESTIONÁRIO

1. Qual sua idade?

2. Há quanto tempo estuda na escola?

3. Qual sua cor?

() branco () pardo () negro () amarelo

4. Você sabe o que é bullying?

() Sim () Não

5. Você já foi vítima de bullying?

() Sim () Não () Não sei

6. Já praticou esse tipo de violência?

() Sim () Não () Não sei

7. Já viu algum colega sendo vítima de bullying?

() sim () Não

8. Quem você acha que é o responsável pela presença do bullying nas escolas?

() Escola () Professores () Alunos () Família () Outro _____